

A ATUAÇÃO CONJUNTA DOS QUATRO ARCANJOS

Rudolf Steiner

Dornach, 13 de Outubro de 1923

[Nota para leitores eventualmente localizados em países da CPLP no hemisfério sul: Em diversas passagens desta e de outras conferências Rudolf Steiner refere-se a certos meses para caracterizar as estações do ano. É oportuno lembrar que isto tem a ver com os fenômenos da natureza conforme vivenciados pelos habitantes da terra no hemisfério norte. Leitores radicados no hemisfério sul deverão naturalmente "adaptar" essas indicações, de modo a estarem conformes com a natureza local, ou seja, seis meses mais tarde]

Durante os últimos dias eu apresentei-vos as quatro Imaginações Cósmicas que podem ser vivenciadas pelo homem como uma experiência íntima no decurso das quatro estações do ano. Se quisermos alcançar uma compreensão completa acerca da posição e da situação do ser humano no mundo, devemos procurar isso na atuação conjunta das forças dos seres que surgem em conexão com essas imagens. Gostaria primeiramente de fazer algumas considerações a título de introdução.

Ao abrirmos a nossa alma para todas as impressões que podem irromper da contemplação do conteúdo dessas imagens, surgirão então simultaneamente para nós – como um eco de antigas vidências instintivas – muitas coisas que foram vivenciadas no decorrer da evolução da humanidade. Hoje em dia, isto é por vezes abordado historicamente, mas no fundo não é compreendido. Verdadeiros poetas, ou pessoas espiritualmente inspiradas, tomam consciência dessas vozes frequentemente maravilhosas que emergem das tradições do passado, e fazem uso das mesmas quando pretendem expressar os seus mais elevados e inspirados conceitos. Mas mesmo assim, isso é recebido com pouca compreensão. É assim que na primeira parte do “Fausto” de Goethe surge de maneira maravilhosa um texto que só muito raramente é compreendido, mesmo que seja frequentemente citado. Trata-se da passagem em que a personalidade Fausto, após abrir o livro de Nostradamus, encontra o signo do macrocosmos:

*Ó, como tudo se entrelaça para formar o todo,
Cada um atuando e vivendo nos demais!
Ó, como as forças celestiais ascendem e descendem,
Oferecendo entre si os seus cântaros dourados,
Com asas de bênçãos perfumadas,
Vindas do céu e trespassando a terra,
Ressoando com harmonia por todo o cosmos!*

Isto é uma imagem grandiosa, mas quem conhece Goethe tem que dizer que isso só se tornou real através dos *sentimentos* do autor. O que Goethe evidentemente recolheu de uma leitura de antigas tradições, e dos seus sentimentos relacionados com tudo isso, é algo que só se apresenta perante as nossas almas com absoluta clareza, se tivermos em mente o que vos descrevi anteriormente nas quatro grandes Imaginações Cósmicas: a Imaginação outonal de Micael, a Imaginação natalina de Gabriel, a Imaginação pascal de Rafael, e a Imaginação joanina de Uriel, no auge do verão. Cada pessoa deve conseguir imaginar por si própria como a partir destas entidades – Gabriel, Rafael, Micael e Uriel – certas forças irradiam do cosmos, sendo que depois são derramadas, como forças formativas, sobre os seres humanos. Para compreender isto com clareza, é preciso observarmos como o ser humano está colocado no cosmos, de uma maneira que eu poderia quase chamar de puramente material.

Neste sentido, hoje em dia há infelizmente muito pouca compreensão acerca de como as coisas são. Por exemplo, a literatura médica cinetífica sempre descreve como o ser humano inspira o oxigénio presente no ar, e como o carbono no ser humano vai recolher o oxigénio. Este processo é depois comparado com uma combustão externa, na qual uma variedade de substâncias externas combinam-se com o oxigénio. O processo completo no organismo humano, durante o qual o oxigénio é assumido pelo carbono, é então denominado de combustão.

Tudo é descrito assim, por que permanece ignorado algo de essencial: o fato de que todos os processos e todas as substâncias externas assumem uma qualidade diferente, imediatamente após penetrar no organismo humano. Qualquer pessoa que fala desta peculiar ligação do carbono com o oxigénio no ser humano, e interpreta isso como uma combustão, está na verdade a falar exatamente como uma pessoa que dissesse: "Os seres humanos não precisam de pulmões vivos; bastava eles terem um simples par de fornos suspensos dentro do peito". É mais ou menos assim que se exprimem aqueles que falam da combustão do carbono com o oxigénio no organismo humano.

Tudo o que acontece externamente na natureza, torna-se diferente quando penetra no ser humano. Nenhum processo dentro do organismo humano ocorre da mesma maneira como na natureza exterior. Uma chama que arde no exterior é como um fogo morto. No interior do ser humano, o fenómeno correspondente é uma chama viva e permeada pela alma. Assim com um forno está em relação a um pulmão, de igual modo está uma chama externa em relação àquilo que se passa como atividade viva no organismo

humano, quando o carbono é combinado com o oxigênio – um processo que, visto externamente, é realmente uma combustão em termos químicos. Todo o progresso espiritual dos nossos tempos depende de podermos abarcar estas coisas de maneira correta.

Suponhamos que os senhores ingerem sal, albúmen, proteínas ou qualquer outra coisa, junto com a vossa alimentação. Hoje em dia, as pessoas imaginam que essas substâncias permanecem inalteradas no interior do ser humano, tal como estavam antes no exterior. Isto não é verdade. Qualquer coisa que penetre no ser humano torna-se imediatamente diferente. E as forças que provocam essa diferença procedem exatamente daquelas entidades que eu descrevi nas quatro Imaginações.

Consideremos a imagem apresentada da última vez (imagem V). Ela descrevia como Uriel, na época de São João, paira nas alturas, entretecendo a sua corporalidade com a luz de ouro radiante do sol (vermelho). Como eu vos disse, Uriel deve ser imaginado com um semblante sério e admoestante, pois o seu olhar dirige-se ao reino dos cristais da terra, e ele perscruta em que medida os erros humanos são incompatíveis com a beleza do processo de cristalização que ocorre sob a superfície da terra; uma beleza abstrata, mas não por isso menos deslumbrante. Essa é a razão da sua expressão séria e admoestadora, conforme ele dirige o seu olhar para baixo e compara os erros humanos com a atividade que vive nos cristais da terra.

Eu também descrevi o gesto de Uriel como um gesto de advertência dirigido aos seres humanos, para mostrar-lhes o que eles deveriam fazer. Trata-se de uma exortação dirigida aos homens, para que eles – uma vez que tenham compreendido isso corretamente – transformem os seus erros em virtudes. Pois nas alturas, nas nuvens, surgem as imagens radiantes de beleza, entretecidas com o ouro solar; imagens de tudo o que a humanidade já alcançou por força da virtude.

Irradiam agora de Uriel (uma entidade que tem que ser descrita desta maneira; não há outras palavras para descrevê-la) forças que continuam a agir sobre o ser humano, mas que têm também um efeito característico peculiar. Tudo o que estou a expor é algo que se passa na época do auge do verão. Mas esta entidade de Uriel não deve ser imaginada como em estado de repouso, mas sim como que animada por um majestoso movimento. Uriel precisa de manter-se em movimento, pois quando no nosso hemisfério norte é verão, no hemisfério sul da terra é inverno. E quando aqui no norte chega o inverno para nós, no outro hemisfério será verão, com Uriel nas alturas. Temos que formar uma imagem perfeitamente clara acerca disto: quando temos a terra aqui (esboço), Uriel está para nós no verão; depois ele desloca-se, durante seis meses, para o outro lado da terra. Então temos o inverno para nós. Enquanto Uriel descende (seta amarela), e enquanto as suas forças vêm ter conosco em linha descendente, o verão transforma-se para nós em inverno, e aí Uriel está transposto para o outro hemisfério.

Mas a terra não impede que as forças de Uriel venham igualmente ter conosco [no hemisfério norte]; elas misturam-se com as forças que descem sobre nós das alturas (setas vermelhas) procurando infundir-nos o ouro solar do verão. Ou seja, as forças de Uriel penetram diretamente através da terra durante o inverno, e vão ao encontro dos homens pelo lado oposto, como uma corrente ascendente (vermelho).

Se imaginarmos agora intimamente a atuação de Uriel na época do verão – pois a sua atividade dirige-se para o âmago das forças da natureza – temos que imaginar as forças de Uriel como que irradiando para o cosmos, irradiando para as nuvens, para as chuvas, para os raios e para os trovões. Elas irradiam inclusive para o interior do crescimento das plantas. É assim que devemos imaginar tudo isto. No inverno, depois de Uriel ter feito, por assim dizer, a sua caminhada em torno da terra, as suas forças fluem através da terra e vêm descansar nas nossas cabeças. Estas forças de Uriel, que em outras épocas estão no exterior da natureza, atuarão em seguida como as forças que realmente nos tornam cidadãos do cosmos. Pois elas realmente provocam o aparecimento de uma cópia do cosmos nas nossas cabeças, iluminando-nos de tal modo que ficamos possuidores de sabedoria humana.

Será então correto dizermos: Uriel realiza o seu descenso conforme o verão passa para o inverno através do outono. Depois, no inverno, ele começa a ascender novamente, sendo que é desta força descendente e ascendente de Uriel que recebemos as forças interiores das nossas cabeças. Assim, no auge do verão Uriel trabalha na natureza, e depois no inverno ele age sobre a cabeça humana, de modo que neste contexto o ser humano torna-se realmente um microcosmos perante o macrocosmo. Só podemos compreender o ser humano, se o colocarmos no mundo não apenas como um ser natural, mas também como um ser espiritual.

Tal como podemos acompanhar as forças de Uriel e ver como elas acedem ao ser humano durante o decurso do ano, o mesmo devemos fazer com Rafael, o qual durante a primavera despeja as suas forças para dentro das forças da natureza, conforme já referi. Anteriormente, tive que vos descrever como a Imaginação da Páscoa fica completada pelo ensinamento que Rafael – o grande curador cósmico – pode oferecer à humanidade. Pois justamente quando deixamos atuar sobre nós tudo o que Rafael realiza durante a época da primavera, trabalhando nas forças primaveris da natureza (como Uriel faz durante o verão), deixando tudo isto agir sobre nós na época da Páscoa através da auscultação espiritual da Inspiração, aí é que alcançamos a coroação de todas as verdades curativas para a humanidade.

Mas a atividade primaveril de Rafael desloca-se ao redor da terra, tal como acontece com Uriel. Em termos do cosmos, Uriel é o espírito do verão. Ele move-se à volta da terra e durante o inverno cria as forças interiores da cabeça humana. Rafael é o espírito da primavera, e durante o outono, conforme ele circunda a terra, vai de fato suscitar as forças da respiração humana. De modo que podemos dizer: enquanto que Micael, o arcanjo cósmico, no outono é o espírito cósmico nas alturas, durante a época de Micael é Rafael que trabalha em todo o sistema respiratório do homem, regulando-o e oferecendo-lhe a sua bênção. Fundamentalmente, só podemos imaginar o outono corretamente se considerarmos, por um lado, a potente Imaginação de Micael nas alturas, com a espada forjada com ferro meteórico, mais a veste tecida em ouro solar e trespassada pelas radiações argêntas da terra – e por outro lado, Rafael a trabalhar em baixo no ser humano, consciente de cada respiração, consciente de tudo que flui dos pulmões para o coração, e depois do coração para toda a circulação sanguínea. Se no outono, quando os raios de Rafael trespassam a terra,

o homem souber reconhecer como Rafael está presente na respiração humana, assim também ele poderá na primavera, na época de Rafael, reconhecer em si próprio as forças curativas que permeiam o cosmos.

Estamos aqui perante um grande mistério: originalmente, todas as forças curativas residem no sistema respiratório humano. Qualquer pessoa que conheça de verdade o circuito da respiração, conhece as forças curativas pelo lado humano. Estas forças não estão presentes nos outros sistemas do organismo. Esses outros sistemas necessitam, eles próprios, de ser curados.

Lembrem-se do que eu disse anteriormente a respeito da pedagogia: o sistema respiratório entra especialmente em atividade entre os 7 e os 14 anos de idade. Durante os primeiros 7 anos de vida há grandes possibilidades de adoecimento, e isto repete-se após os 14 anos. Mas as chances são relativamente menores durante o período em que o sistema respiratório pulsa através do corpo, com a ajuda do corpo etérico. Justamente no sistema respiratório está presente uma misteriosa atividade terapêutica, e todos os segredos curativos são simultaneamente segredos da respiração. Isto relaciona-se com o fato de que as obras de Rafael, que são de natureza cósmica na primavera, penetram durante o outono em todo o segredo da respiração humana.

Já tivemos oportunidade de conhecer Gabriel como o Arcanjo do Natal. Nessa época ele é o espírito cósmico, e temos que erguer o nosso olhar a fim de encontrá-lo. Durante o verão Gabriel traz para dentro do ser humano tudo o que é causado pelas forças estruturantes e modeladoras da nutrição. No auge do verão, elas são levadas para dentro do ser humano através das forças de Gabriel, depois de ele ter deixado a sua atuação cósmica durante o inverno, assumindo a sua atuação humana durante o verão, quando as suas forças fluem através da terra (sendo que no outro hemisfério é agora inverno).

Quando no outono chegamos finalmente à época de Micael, têmo-lo como espírito cósmico. Ele encontra-se aí na sua máxima elevação, na sua culminação cósmica, e inicia o seu descenso. As suas forças penetram através da terra na primavera, pulsando em tudo que encontra expressão no ser humano em termos de movimento e força de vontade, permitindo-lhe andar, trabalhar e tomar coisas nas mãos.

Imaginem agora a cena completa: primeiramente temos a imagem do verão, na época de São João: nas alturas está o semblante severo de Uriel, com o seu olhar admoestante e o seu gesto de advertência – e aproximando-se do ser humano, permeando-o interiormente, está o suave e amoroso olhar de Gabriel, mais o seu gesto abençoante. Assim, durante o verão temos a atuação conjunta de Uriel no cosmos, e de Gabriel no lado humano.

Passando agora para o outono, temos o semblante de Micael; eu não diria um semblante ordenador, mas sim um semblante orientador. Observando esse semblante de Micael corretamente, poderemos reconhecer aí algo como um dedo apontado, algo sugerindo como que um olhar que não se ocupa consigo próprio, mas sim com o mundo, para fora. O olhar de Micael é positivo e ativo. E a sua espada forjada de ferro cósmico é empunhada de tal forma que a mão indica simultaneamente o caminho para os seres humanos. Essa é a imagem nas alturas.

No outono, em baixo, temos Rafael com um olhar profundo e meditativo, trazendo para a humanidade as forças curativas que ele – por assim dizer – primeiramente preparou no cosmos. Este Rafael, com o semblante marcado por uma profunda sabedoria, está encostado ao caduceu de Mercúrio e apoiado pelas forças internas da terra. Temos então a atuação conjunta de Micael no cosmos, e de Rafael na terra.

Vejamos agora o inverno. Nesse período, Gabriel é o anjo cósmico. Gabriel nas alturas, com o seu olhar suave e amoroso, mais o seu gesto abençoante, entretecendo a sua veste alva nas nuvens inverniais. E em baixo, com um olhar severo e admoestador, Uriel ao lado do ser humano – aqui as posições estão invertidas.

Alcançamos depois novamente a primavera. Nas alturas encontramos Rafael com o seu semblante profundamente meditativo. Nos ares, o seu caduceu de Mercúrio transformou-se agora numa serpente de fogo, uma serpente de fogo radiante que não jaz mais sobre a terra, mas sim está suspensa pelas forças do ar, misturando-se e atuando em conjunto com o fogo, a água e a terra, de forma a transformar tudo em forças curativas atuantes e entretecidas no cosmos.

Em baixo, de maneira especialmente visível e aproximando-se do ser humano, temos Micael com o seu olhar positivo. Um olhar que se volta para o mundo e que gostaria de dirigir o olhar da humanidade igualmente para o mundo, conforme Micael se encontra ao lado do homem na primavera, complementando Rafael.

Temos assim as imagens:

Inverno – Gabriel nas alturas, Uriel em baixo

Primavera – Rafael nas alturas, Micael em baixo

Verão – Uriel nas alturas, Gabriel em baixo, com o ser humano

Outono – Micael nas alturas, Rafael em baixo, com o ser humano

Voltemos agora às palavras que sobreviveram através dos tempos como uma antiga sabedoria mágica, e que foram novamente usadas por Goethe no seu "Fausto":

*Ó, como tudo se entrelaça para formar o todo,
Cada um atuando e vivendo nos demais!*

Realmente, Uriel, Gabriel, Rafael e Micael trabalham juntos, atuantes e viventes entre si. E quando o ser humano, como um ser físico-anímico-espiritual, é colocado no universo, essas forças atuam magicamente dentro dele. Que extraordinária profundidade e exatidão estão contidas nestas palavras! Pensem no seu significado:

*Ó, como tudo se entrelaça para formar o todo,
Cada um atuando e vivendo nos demais!
Ó, como as forças celestiais ascendem e descendem,*

(notem bem o detalhe: "ascendem e descendem") e depois a continuação:

*Oferecendo entre si os seus cântaros dourados,
Com asas de bênçãos perfumadas,
Vindas do céu e trespassando a terra,
Ressoando com harmonia por todo o cosmos!*

Conforme estão lembrados, na conferência de ontem eu falei de tudo o que deveria passar de uma forma escultural para uma forma musical, ressoando harmoniosamente por todo o cosmos.

É difícil expressar-vos o que senti ao reler estas palavras de Goethe apresentadas à minha alma: "Vindas do céu e trespassando a terra!" Este "trespassando" é algo que pode nos comover tão profundamente, por que é uma perfeita realidade! É a expressão absolutamente correta! É impressionante constatar que tais palavras estão hoje espalhadas pelo mundo, mas são consideradas como uma fantasia poética ou coisa parecida, ou até como palavras que qualquer pessoa pode aplicar em cartas ou artigos. As coisas não são assim. Estas palavras correspondem a um fato cósmico. É realmente comovente ler estas palavras, no contexto da obra "Fausto", e reconhecer a verdade aí contida.

Vamos agora avançar nas nossas considerações. Já vimos como as forças celestiais com asas douradas – os arcanjos – permeiam harmonicamente todo o universo, cada um atuante e vivente nos demais. Mas isso não é tudo.

Consideremos Gabriel, o qual recolhe forças nutrientes do cosmos e transfere-as para os seres humanos no auge do verão. Estas forças estão ativas no sistema metabólico do homem.

Rafael reina no sistema respiratório. Agora, conforme Gabriel e Rafael ascendem e descendem, eles vão atuar em conjunto, de tal modo que Gabriel passa as suas forças – forças que de outro modo estão presentes na nutrição humana – para o sistema respiratório. Aí, elas tornam-se forças curativas. Portanto, Gabriel entrega a Rafael a nutrição, e esta transforma-se em um meio curativo. Quando aquilo que no organismo humano é apenas nutrição fica permeado pelo segredo da respiração, torna-se então cura.

Precisamos realmente observar com precisão a transformação sofrida pelas substâncias externas ao passar para o sistema alimentar. Reconheceremos então o significado das forças nutrientes de Gabriel para o ser humano. Mas estas forças são transferidas para o sistema respiratório. Ao continuarem a atuar no sistema respiratório, elas tornam-se não apenas forças capazes de saciar a fome e a sede, ou forças restauradoras do ser humano; elas tornam-se forças para a correção interior das doenças. As forças de nutrição metamorfoseadas tornam-se forças curativas. Uma pessoa que conhece corretamente o que é a nutrição, conhece também o primeiro estágio do processo de cura. Se ela conhecer por exemplo a função do sal num ser humano saudável, então – se ela deixar atuar sobre si a metamorfose entre a atuação de Gabriel e a atuação de Rafael – ela saberá como o sal pode agir como meio curativo, segundo cada caso. As forças curativas que estão presentes em nós são metamorfoses das forças nutrientes. Rafael recebe de Gabriel o cântaro dourado da nutrição. Gabriel entrega-o.

Chegamos agora a um segredo. Um segredo que era conhecido da humanidade em eras antigas, mas que hoje está completamente perdido. Quem hoje consegue ler Hipócrates¹ (ou se não consegue ler Galeno² ainda é capaz de interpretar algo desse autor) perceberá que em Hipócrates e até mesmo em Galeno, esses antiquíssimos médicos, ainda subsistia algo do que é realmente um grande segredo humano. As forças que regem o nosso sistema respiratório são forças curativas; elas curam-nos continuamente. Mas quando essas forças respiratórias sobem até à cabeça, elas tornam-se forças espirituais, atuantes na percepção sensorial e no pensar. Este é o segredo conhecido na antiguidade, um segredo que está praticamente evidente em Hipócrates, e pelo menos implícito em Galeno: o pensar, a percepção e a vida espiritual interior do ser humano constituem uma metamorfose superior da terapia, do processo de cura. E quando o elemento curativo no sistema respiratório (que está localizado entre a cabeça e o sistema digestivo) é impelido por assim dizer ainda mais para cima, aí ele torna-se a base material para a vida espiritual do ser humano.

Podemos assim dizer: o pensamento que atravessa como um raio a cabeça humana é realmente uma metamorfose dos impulsos curativos que residem nas várias substâncias. Se uma pessoa compreender de fato isto profundamente, e se ela tiver por exemplo na mão qualquer substância curativa salínica, ou qualquer substância curativa vegetal, ela pode olhar para tudo e dizer: Eis uma força curativa benéfica que eu posso dar aos homens, conforme a necessidade. Mas quando essa força penetra no homem para além da esfera respiratória, de modo a atuar na cabeça, então ela torna-se o elemento material portador da força do pensamento humano. Nesse momento, Rafael passa o seu cântaro para Uriel.

Por que é que um remédio consegue curar? Um remédio consegue curar por que está a caminho do espírito. Se uma pessoa souber em que ponto do caminho até ao espírito se encontra um remédio, então ela conhecerá a sua respetiva força curativa. No ser humano o espírito por si só não consegue intervir diretamente no terrestre; mas o grau inferior do espírito constitui uma força terapêutica.

Tal como Gabriel entrega a Rafael as forças nutrientes a fim de serem transformadas em forças curativas (por outras palavras: ele entrega o seu cântaro dourado) e tal como Rafael entrega o seu cântaro dourado a Uriel ao fazer com que as forças curativas se tornem forças de pensamento, assim recebe Micael de Uriel as forças do pensar. Micael transforma então, graças ao ferro cósmico do qual é forjada a sua espada, essas forças do pensar em forças de vontade, de modo que elas vão tornar-se no ser humano forças de movimento.

Temos assim esta segunda imagem: Uriel, Rafael, Gabriel e Micael ascendendo e descendendo. Uriel e Gabriel trabalhando, por assim dizer, juntos, mas também atuando um sobre o outro, cada qual entregando a sua propriedade ao outro, de modo que ela possa continuar a atuar nele. Vemos assim como as forças celestiais ascendem e descendem, repassando entre si cântaros dourados: os cântaros dourados da nutrição, da cura, das forças do pensar, e das forças do movimento. Esses cântaros dourados movimentam-se de um arcanjo para o outro, enquanto que cada arcanjo atua simultaneamente com os demais em harmonia universal.

Vejamos novamente esse trecho de "Fausto":

*Ó, como as forças celestiais ascendem e descendem,
Oferecendo entre si os seus cântaros dourados.*

Tudo isto é absolutamente concreto e real. Até mesmo a palavra "dourados" é absolutamente real. Pois estas coisas são tecidas a partir do ouro solar que irradia de Uriel, conforme descrevi ontem.

Naturalmente, Goethe leu o antigo ditado e isso provocou nele uma tremenda impressão. Depois ele deu-lhe expressão poética. Mas o que ele não conhecia era o significado que acabei de descrever. É isto mesmo que tanto nos surpreende: ver como um Goethe, a partir de certa sensibilidade poética, conseguiu captar algo que foi transmitido a partir de antigas tradições ao longo dos tempos, para depois refletir de maneira tão extraordinária essa verdade! Nos tempos atuais, isto é o elemento grandioso que nos une, quando cultivamos a Ciência do Espírito expondo estes fatos: vemos efetivamente como Uriel, Rafael, Micael e Gabriel atuam conjuntamente, e como eles realmente entregam as suas próprias forças uns aos outros. Se observarmos isto por nós próprios, e se depois encontrarmos por via indireta uma sabedoria antiquíssima (como no presente caso de Goethe) e deixarmos isso agir sobre nós, constataremos como uma antiga verdade instintiva – não interessa se é de caráter mítico ou lendário – era largamente conhecida no mundo em determinada época longínqua. Os tempos depois mudam, e vemos como na atualidade a verdade antiga tem que ser elevada um grau mais acima.

Hipócrates – não interessa se designamos agora por "Rafael", "Mercúrio" ou "Hermes" quem esteve ao seu lado – foi uma personalidade que viveu numa época na qual já estava em desaparecimento o conhecimento sobre a ação conjunta de Gabriel-Rafael-Uriel, e o modo como as forças curativas no organismo humano residem entre os pensamentos e as forças nutrientes. Isto foi de fato a fonte através da qual uma velha sabedoria instintiva soube criar os fabulosos remédios antigos, que na verdade estão sempre a ser renovados. Hoje em dia, podemos encontrá-los entre os assim chamados povos primitivos, e as pessoas nem conseguem imaginar como eles chegaram a isso. Tudo está relacionado com o fato de que a humanidade já foi possuidora, na antiguidade, de uma sabedoria primordial.

Mas agora talvez haja um problema subsistente nas vossas mentes. É o seguinte: após os meus queridos amigos terem assumido tudo o que foi exposto – por exemplo, como Rafael tem as suas forças ativas na primavera, e como ele depois no outono conduz essas forças para o seio do sistema respiratório – poderá surgir a ideia que o homem está totalmente submetido ao longo de todo o ano à ação das forças cósmicas. Originalmente, as coisas eram realmente mesmo assim. Mas como o ser humano é uma entidade possuidora de memória, de modo que uma vivência exterior pode ficar preservada intacta para ressurgir como uma vivência interior após alguns dias ou anos, assim também estas verdades permanecem absolutamente válidas para o cosmos. Mas o ser humano não vivencia interiormente a força de Rafael apenas durante o outono, mas sim durante o inverno, a primavera e o verão. Permanece intacta uma espécie de memória sobre isso – uma memória aliás mais substancial do que a memória comum.

Portanto, enquanto que os fatos estão mesmo presentes da maneira como eu descrevi, os seus efeitos sobre o ser humano estendem-se ao longo de todo o ano. Do mesmo modo como uma vivência fica fixada na memória, assim também estes efeitos prolongam-se por todo o ano. Caso contrário, o ser humano não poderia manter-se como uma entidade em contínuo desenvolvimento ao longo do ano. Na vida física, uma pessoa pode esquecer menos facilmente, e outra mais facilmente. Mas a influência que Rafael implantou no nosso sistema respiratório durante o outono desapareceria no outono seguinte, quando Rafael voltasse. Assim, até lá permanece ativa esta memória natural no órgão respiratório, devendo depois ser renovada.

É assim que o homem está inserido no curso da natureza. Ele não está excluído da marcha do mundo, mas sim implantado no seu seio. Mas a sua situação no mundo encerra mais um aspeto: o ser humano, conforme está aqui na terra limitado pela sua pele e com o corpo preenchido pelos seus órgãos, sente-se de certo modo realmente isolado no cosmos, pois as conexões que eu tive a oportunidade de descrever são realmente plenas de mistério. Mas isto não é o caso quando o ser humano está no estado de ser

exclusivamente anímico e espiritual, como por exemplo durante a sua existência pré-terrestre. No período entre a morte e um novo nascimento ele vive na esfera espiritual, sendo que a sua alma não tem a sua atenção dirigida para baixo, para um corpo humano individual (isto sucede depois, no decurso do tempo). Ele contempla toda a terra, inclusive a terra em conexão com todo o sistema planetário e com todas as atividades simultâneas de Rafael, Uriel, Gabriel e Micael. Nessa esfera o homem contempla-se a si próprio a partir de fora.

É aí que se abre o portal para o acesso das almas que estão a voltar da existência pré-terrestre para a vida terrestre. Esse portal abre-se apenas durante o período do inverno [Dezembro, para o hemisfério norte] até ao início da primavera, quando Gabriel reina nas alturas como arcanjo cósmico, enquanto que em baixo está Uriel ao lado do homem, aportando forças cósmicas para a cabeça humana. Durante um período de três meses, as almas que estão para incarnar durante todo o ano descendem do cosmos em direção à terra. Elas permanecem aí, aguardando até que se proporcione a devida oportunidade na esfera planetária da terra. Mesmo as almas que irão nascer, por exemplo, em Outubro, já se encontram nessa esfera terrestre aguardando pelo seu nascimento. Há muitas coisas, realmente muitas coisas, que determinam se uma alma tem que esperar por sua incorporação terrena, depois de já ter adentrado na esfera terrestre e já estar em contato com ela. Algumas almas têm que esperar mais, outras menos.

O segredo peculiar aqui é que – da mesma forma como, por exemplo, o sêmen masculino fecundante só penetra no óvulo feminino em um único local – assim também as sementes celestiais só penetram na terra (enquanto ser anual completo) quando Gabriel nas alturas é o anjo cósmico regente, com o seu olhar suave, amoroso, e o gesto abençoante. Simultaneamente, em baixo está Uriel com o semblante admoestante e o gesto de advertência. Esta é a época em que a terra é impregnada por almas. Nesta época a terra está envolta no manto invernal e sujeita às suas forças de cristalização. Aí o ser humano pode unir-se com a terra como corpo terreno pensante no cosmos. As almas deixam então o cosmos e reúnem-se de certo modo na esfera terrestre. Esta é a impregnação anual do ser terra, sujeito às estações do ano.

Tomamos consciência de todos estes fatos quando ganhamos uma percepção não apenas sobre os aspetos físicos do cosmos, mas também sobre o atuar daquelas entidades cósmicas que vos descrevi anteriormente, através das quatro imagens.

Após alcançarmos isto, podemos descobrir em tais poemas uma indicação sobre a atividade criativa do cosmos, pois isso é uma realidade no mundo:

*Ó, como tudo se entrelaça para formar o todo,
Cada um atuando e vivendo nos demais!
Ó, como as forças celestiais ascendem e descendem,
Oferecendo entre si os seus cântaros dourados,
Com asas de bênçãos perfumadas,
Vindas do céu e trespassando a terra,
Ressoando com harmonia por todo o cosmos!*

Justamente nestas palavras podemos discernir algo daquela maravilhosa atuação conjunta dos quatro Seres Arcangélicos que, em união com as forças da natureza, permeiam e vivem no corpo, na alma e no espírito do homem, interpenetrando-se entre si e trabalhando em conjunto.

Breves notas do tradutor da presente versão

Este trabalho foi realizado como versão em Português para Portugal, a partir de um trabalho anterior gentilmente oferecido pela Sociedade Antroposófica no Brasil. Como é do conhecimento geral, as conferências de Rudolf Steiner foram registadas taquigraficamente, sendo que tais apresentações orais não foram originalmente concebidas para serem publicadas. Rudolf Steiner advertiu que poderiam inevitavelmente surgir erros nos textos assim transcritos. As presentes conferências do início do século passado, proferidas por Rudolf Steiner pouco antes do seu falecimento, estão imbuidas de um cunho único (nas palavras do próprio Rudolf Steiner: "Estas coisas são extremamente reais, mas é impossível eu falar a respeito das mesmas do mesmo modo como um físico fala dos polos elétricos positivo e negativo, ou dos potenciais de energia, e assim por diante") o que exigiu um esforço para se encontrar uma adequada formulação em Português moderno e fluente, a partir da complexa linguagem imaginativa em idioma alemão usada por Rudolf Steiner. Serão bem-vindas quaisquer sugestões para modificações, provenientes de leitores com um adequado conhecimento dos originais e da arquitetura linguística específica da Antroposofia.

Raul Guerreiro
guerreiro@t-online.de
Maio de 2015